

4

A épica coletiva

É oportuno abordar com maior precisão a literatura de guerrilha a partir do texto de Guevara para delinear comparações com R. M. e abrir novas dimensões da discussão sobre o testemunho e a literatura na América Latina.

Che Guevara não era só um combatente e um ícone da guerrilha, era também um autor e um teórico do testemunho de guerrilha. A partir de 1961, publicou no semanário do exército cubano *Verde olivo*, uma série de artigos que seriam, no ano seguinte, editados em livro sob o título *Pasajes de la guerra revolucionaria*¹. Numa carta a Haydée Santamaría², diretora da Casa de Las Americas, Ernesto Guevara escreve, a respeito de *Pasaje...*, que ele não quer “aceitar um centavo por um livro que só relata incidentes da guerra”. “Ser escritor é a coisa mais sagrada do mundo”, escreveu Guevara ao escritor argentino Ernesto Sábato³, deixando claro que ele mesmo não se considerava como tal. Escrever um testemunho é, para ele, só um dever revolucionário. No prólogo de *Pasajes...*, Guevara apresenta a sua visão do testemunho:

Muchos sobrevivientes quedan de esta acción y cada uno de ellos está invitado a dejar también constancia de sus recuerdos para incorporarlos y completar la historia. Sólo pedimos que sea estrictamente veraz el narrador, que nunca para aclarar una posición personal o magnificarla o para simular haber estado en algún lugar, diga algo incorrecto. Pedimos que, después de escribir algunas cuartillas en la forma en que cada uno pueda, según su educación e disposición, haga una autocrítica la más seria posible para quitar de allí toda palabra que no se refiera a un hecho estrictamente cierto o de cuya certeza no tenga el autor plena seguridad.

Guevara, que em outras ocasiões queixou-se dos exageros nas descrições de combate feitas pelos cubanos, insiste na exigência de uma narrativa absolutamente

¹ GUEVARA, Ernesto *Pasajes de la guerra revolucionaria*, Editora Política, La Havana, 1997.

² Reproduzida na página 48 da versão americana de *Pasajes de la guerra revolucionaria* intitulada *Episodes of the Cuban Revolutionary War*, ed. Marie Alice Waters, 1967, mas que não consta da versão original em espanhol.

³ *Ibid.* p. 68.

verdadeira. Uma das funções da veracidade exigida será estabelecer quem foi o agente de cada ato de guerra. Uma ação nunca será completamente descrita sem constar quem interveio nela e de que maneira. Neste texto, aparece claramente a relação entre testemunho e ação: o testemunho é parte da ação militante. A narrativa testemunhal é ao mesmo tempo o alicerce da linguagem onde se apoia a ação, o seu objetivo e a sua motivação. A dinâmica de contar a própria história dando-lhe um sentido coletivo induz ao mesmo tempo uma teleologia (as coisas evoluem numa linha de tempo ao longo da vida; o narrador tende a se apresentar como alguém que aprende da experiência, supera os erros, evolui) e um campo de valores que definem tanto o progresso do texto (do ruim ao bom) quanto os momentos-chave de decisão em que aparece o caráter heroico do narrador capaz de discernir as melhores escolhas e a se sacrificar para um bem coletivo.

No texto de Guevara, o narrador aparece como um observador-ator despido de subjetividade para adequar-se ao quadro ideológico da ação coletiva. Este sujeito-gravador é privado da sua interioridade para ser reduzido a um mero carregador de fatos (uma espécie de “mula” dos fatos) que ganham a sua dimensão de “fatos” por serem totalmente externos à sua subjetividade. Nesta lógica, o protagonista aparece tão somente na sua capacidade de produzir fatos (ação) e registrá-los. O sujeito é o instrumento de uma narrativa (“objetiva”, revolucionária) que se desenvolve fora dele e da qual ele só pode ser um simples coadjuvante, ou seja, a História existe por si só. A palavra do sujeito ganha a consistência de uma contribuição a uma narrativa que o supera.

Longe do mito romântico do Che e antes de qualquer consideração ideológica, *Pasajes...* é um livro de guerra⁴, tanto que foi inicialmente pensado como instrumento da formação política e tática dos soldados e oficiais leitores de *Verde olivo*. O livro forma um díptico com *La guerra de guerrillas*, dedicado a elaborar uma teoria a partir destes eventos. Segundo Fernandez Retamar⁵: “Si el libro anterior (*La guerra de guerrillas*) es un guía para la acción su osamenta, *Los pasajes* son el cuerpo mismo de esa acción”.

⁴ Um antecedente da literatura do Che é a *literatura de campanha* das guerras contra a Espanha. Che considera muitas vezes o seu combate como uma segunda independência das Américas. Ele começa a escrever quando a Revolução Cubana ainda não tinham assumido o seu caráter marxista nem o perfil latino-americano.

⁵ RETAMAR, Fernandez, “Prologo”. In: GUEVARA, Ernesto. *Obras revolucionárias*, 1969, p. 13.

Em *La guerra de guerrillas*⁶, o autor define claramente a prioridade militar da narrativa: “El combate es el drama más importante de la vida guerrillera. Ocupa sólo momentos en el desarrollo de la contienda; sin embargo esos instantes estelares adquieren una importancia extraordinaria”. Por isso, *Pasajes...* é inteiramente construído em torno desses momentos *estelares* de guerra. Alguns capítulos levam em seu título o nome dos confrontos aos quais são dedicados: *Alegría de Pio*, *Combate de la Plata*, *Combate de Arroyo del Infierno*. Outros descrevem a preparação ou as consequências de enfrentamentos. Os combates sucessivos são, dessa forma, o elemento unificador do livro. Os capítulos apresentam desde o princípio os atores, o lugar e a data, expondo o encontro armado de forma didática: descrição das condições iniciais; resumo das possibilidades e propósitos políticos e militares; plano e representação; descrição da aproximação e do início do combate; o ataque em si; o final e o cessar fogo; resumo das baixas e novidades; retirada e avaliação. A luta armada define assim os parâmetros do confronto e o cronotopo da narrativa. *Pasajes...* interpreta a prática revolucionária cubana. Estas narrações registram, analisam e divulgam as experiências particulares a que se referem, formando assim parte do processo revolucionário que descrevem, segundo constata Duchesne⁷, já que pertencem, no fim das contas, à dimensão cultural e ideológica da guerra revolucionária como importantes instrumentos de comunicação. O testemunho guerrilheiro incide, portanto, na dialética prática-teoria-prática, realizando a elaboração narrativa da prática. Ele prova um discurso de apreensão e configuração da ação humana que serve de introdução à sua interpretação estritamente teórica. Para Che Guevara, o testemunho não é uma forma de literatura, mas somente um instrumento de luta; a sua verdade é a verdade revolucionária, ou seja, uma narrativa que serve à causa da revolução. O seu realismo é militar, tático, logístico, materialista.

Como observa Duchesne⁸, a narrativa guerrilheira registra e configura textualmente a sorte histórica de uma empreitada planejada desde o seu começo até o momento em que ela vence e fracassa. O seu cronotopo é o da trajetória desta empreitada. Em diferença com outras narrativas que podem se conformar com o ser e o acontecer do mundo, a narrativa guerrilheira se propôs abarcar o desenvolvimento de um projeto de modificação deste ser e acontecer. Ela narra o desenvolvimento de um

⁶ GUEVARA, Ernesto, “La guerra de guerrillas”, In: *Obras revolucionárias*, 1969, p.62

⁷ DUCHESNE, Juan. “Las narraciones guerrilleras: configuración de un sujeto épico de nuevo tipo”, do livro *Narraciones de testimonio en América Latina – cinco estudios*, Editora Universidade de Puerto Rico, Puerto Rico, 1992.

⁸ *Ibid.*

plano de ação orientado para transformar a realidade social. O confronto entre o ser-
assim e o querer-fazer exige medir as distâncias entre os objetivos e as realizações, o
grau de confluência entre a vontade e a capacidade alcançada por sujeitos determinados
a agir na história imediata.

Duchesne propôs a análise, rara, talvez única, do testemunho guerrilheiro baseado
na análise das *Pasajes...* de Che Guevara e dos livros já citados de Payeras e Cabezas.
Segundo o crítico porto-riquenho, a narrativa guerrilheira se distingue da épica clássica
em que o herói se apresenta como um ser inquestionável. No caso da guerrilha, as
personagens sempre aparecem com uma exemplaridade heroica, com um devir herói,
como diria Deleuze. Seu caráter vai criando novas categorias à medida que ele age e
cria um novo universo moral, uma nova subjetividade. Não é o sujeito previamente
categorizado de uma tradição sedimentada nos séculos, mas o ator testemunho de uma
versão factual e imediata das suas ações, valorizado por sua imediatez e verdade. Por
isso, nenhum dos personagens do testemunho guerrilheiro e muito menos o narrador
protagonista são apresentados como a encarnação acabada do sujeito épico. O que se
apresenta é a exemplaridade que-se-faz, cheia de contradições e altos e baixos
antagônicos. Se a narração guerrilheira descreve o corpo empírico da teoria
revolucionária, sua configuração do sujeito épico está formada pelo conteúdo ideológico
imaginário desta teoria. A trama épica da narração é parte de uma concepção
revolucionária dos nexos entre a ação individual, a ação coletiva e a mudança social.
Segundo a teoria leninista, uma das condições imprescindíveis da organização da
revolução é o encontro de uma vanguarda revolucionária com amplos setores de classes
capazes de mobilizar e assumir como sua essa revolução.

A formação do homem novo é um dos principais temas da narrativa do Che. Ela
se apresenta na forma de uma trajetória de autotransformação moral e ideológica que se
manifesta em todas as dimensões da conduta. Na narrativa de Che, a trajetória moral,
ideológica e política da personagem e do coletivo é a armadura da trama, o seu
cronotopo organizador. Ela possui o caráter épico no sentido amplo, quando articula na
narração um conjunto de requisitos da ação heroica, que gira em torno do enfrentamento
bélico, mas que não se manifesta unicamente no combate.

A trajetória individual é inseparável do grupo. O relato está cheio de personagens
com nomes e apelidos responsáveis por um acúmulo de fatos que distingue as suas
trajetórias. Muitos episódios, na análise cuidadosa da ação, identificam aqueles que
contribuem para a empreitada guerrilheira, em comparação com outros que contribuem

pouco ou nada, junto com alguns que conscientemente agem contra a existência do pelotão e a favor da ditadura. Estes últimos são os traidores, personagens não menos destacados do que os heróis em muitas narrações guerrilheiras, como no *Pasajes*. O cronotopo da trajetória, conclui Duchesne, corresponde, portanto, a uma tipologia de personagens guerrilheiros: exemplares e heróicos, problemáticos, desertores e traidores.

Para chegar a atingir este ideal do guerrilheiro invencível, Che impõe uma disciplina marcial aos seus homens. Debray⁹ lembra ter assistido à cena em que Guevara ameaçou fuzilar um velho companheiro que, na travessia de um rio, tinha caído e deixado escapar o seu fuzil. Ou de ter visto um homem ser condenado a passar três dias sem comer por ter roubado um biscoito na cantina. Che não somente é extremista nas suas posições políticas e atitudes, mas também na sua maneira de permanentemente querer ultrapassar os seus limites, de desenvolver um ascetismo exacerbado, como um desejo escondido de sacrifício, de negação dos sentimentos, das fragilidades, das belezas humanas para alcançar as suas metas.

A sua narrativa aparece então fria, mecânica, na qual as peças se encaixam como numa linha de montagem, e que deve ser depurada de qualquer duplo sentido, qualquer ambiguidade, qualquer sensualidade. Ela é totalmente “esticada” em direção ao horizonte da sua luta. Mesmo contando episódios da guerra cubana, a sua escrita orienta-se menos para a memória (um dos objetivos declarados) que para o uso político da memória no momento da sua enunciação, e o caráter exemplar de futuro que esta narrativa possa ter. Ele não almeja discutir o passado para elaborar psicologicamente eventos traumáticos. Ele não parece sofrer de trauma. A sua história torna-o cada vez mais inteiramente dedicado ao seu ideal. Do passado, ele só busca ingredientes, na forma que ele chama de episódios, para uma formulação do presente e do futuro já que servem claramente ao propósito de consolidar um novo discurso histórico sobre o qual se apoia a revolução. A sua escrita é assim espremida até a última sílaba, despida de força própria para servir à luta até o ponto em que os relatos burocráticos e as narrativas históricas se confundem.

Os pronomes pessoais das escritas do Che diferem radicalmente dos de Rigoberta Menchú. Che não escreve para um interlocutor, um *tu* que seria uma ponte para vocês solidários. Tampouco escreve valorizando a sua primeira pessoa. Em muitas ocasiões, os seus textos cedem o lugar para carta de amigos, discursos de Fidel, chamada aos

⁹ In: *Loués soient nos seigneurs*.

companheiros para também escreverem. Por mais carismático e dotado de um estilo próprio que seja, Ernesto Guevara de la Serna se coloca sempre como integrante de um *nós*. *Nós* lutávamos, *nós* vencemos, *nós* continuamos a luta.

Che é tão obcecado pela construção deste *nós* que nem se apega muito a falar *deles*, dos inimigos. Para ele, os inimigos são claros. Ele não aprecia qualquer dúvida quanto à definição do inimigo. É melhor fuzilar do que duvidar. Frente a estes inimigos mortais, a questão central é como otimizar as nossas forças para derrotá-los, como sermos invencíveis. E o primeiro passo para alcançar este desejo do coletivo é, para cada guerrilheiro, conseguir superar as suas falhas. A escrita testemunhal participa de certa forma desta luta de cada um para superar o individualismo e contribuir à construção de um futuro no qual, forjados no combate e na carestia, os guerrilheiros se aproximariam do ideal do novo homem. O *nós* de Guevara é, portanto, um *nós* em formação e não um *nós* comunitário adquirido desde a infância, como em R. M. Enquanto Rigoberta se apresenta (e mais tarde se defende sempre) colocando a sua narrativa como metonímia do seu grupo étnico, a escrita testemunhal de Guevara se insere na tensão entre um *eu* em formação (até na orientação dos testemunhos, Guevara exige a autocrítica dos autores, ou seja, a expressão de um sentimento de incompletude), um *nós* em ação (no momento das guerrilha) e um *nós* como horizonte utópico de uma sociedade coletiva. E toda a narrativa se constrói a partir deste guerrilheiro, homem novo em devir, que em função do seu desempenho pessoal na trajetória do projeto coletivo vai tornar-se um membro pleno (um verdadeiro guerrilheiro) do coletivo, um membro parcial (a personagem problemática, medroso) ou um excluído do círculo (um desertor, um traidor), e esta exclusão simbólica desemboca, em muitos casos, na execução física, no fuzilamento como paroxismo da convergência entre discurso e prática.

“Fusilamiento si! Hemos fusilado e continuaran. Nuestra lucha é una lucha a muerte”¹⁰: Che Guevara defendia os fuzilamentos. Achava que tinham faltado fuzilamentos na revolução na Guatemala e que, por isso, o exército conseguiu reagir e derrubar o governo Arbenz em 1954. Ele mesmo é acusado de ter fuzilado diretamente

¹⁰ Início do documentário *Anatomia de un mito* de Francisco Lorenzo, del Instituto de la Memoria Cubana contra el Totalitarismo.

doze pessoas segundo os testemunhos de ex-guerrilheiros entrevistados no documentário *Anatomia de un mito*¹¹. Uma destas testemunhas foi Roberto Bismarck, capitão do exército rebelde, membro da segunda frente de guerrilha de Escambay junto com Guevara. Segundo ele, uma das vítimas do Che foi o camponês Eutímio Guerra, que tinha ingressado no movimento guerrilheiro, mas foi acusado de colaborar com o inimigo. O seu caso não era claro: faltavam provas da sua traição. Os guerrilheiros, alguns com patentes mais elevadas que Che, não sabiam o que fazer com ele e estavam debatendo a situação quando, de repente, Ernesto Guevara sacou sua arma, matou-o a curta distância e declarou friamente: “eu o fuzilei porque com a dúvida não se faz nada”. Este episódio não é um fato isolado. Guevara tinha um verdadeiro fascínio pela violência, como mostra um texto delirante escrito na Venezuela, citado e traduzido por Régis Debray, em que Che avisa que quer “degolar com as próprias mãos os seus inimigos”:

(...) et je sais, car je vois gravé dans la nuit que moi, l'éclectique disséqueur de doctrines et psychanalyste des dogmes, hurlant comme un possédé, je prendrai d'assaut les barricades ou les tranchées. Je teindrai mon arme dans le sang et, fou furieux, j'égorgerai tous les vaincus qui tomberont entre mes mains (...) je sent déjà les narines dilatées, savourant l'âcre odeur de la poudre et du sang, de la mort ennemie¹².

No seu diário, Che Guevara descreve a execução de vinte e dois homens pelo exército rebelde em 1958 e 1959, incluindo um membro da própria guerrilha. Comandante do batalhão que conquistou Santa Clara, Che ordenou 17 fuzilamentos entre 1 e 3 de janeiro de 1959. No dia 3 de janeiro, ele assumiu o comando da prisão La Cabaña, em La Havana, posto que ocupou até o dia 26 de novembro do mesmo ano. Nesse período, Ernesto Guevara de la Serna encabeçou a comissão *depuradora*, encarregada de julgar os militares que serviram à ditadura de Batista, e ordenou exatos cem fuzilamentos¹³.

No dia 3 de julho de 1959, ele discutiu com outros membros da corte marcial quanto ao julgamento do tenente José Castaño Quevedo. Durante a ditadura de Batista, Quevedo era encarregado de espionar os grupos de guerrilha. Ele nunca tinha participado de atos violentos. Será que ele merecia ser condenado à morte? A corte não

¹¹ Citado no documentário *Anatomia de un mito*.

¹² Texto de Che Guevara escrito na Venezuela. In: DEBRAY, Régis, *Loués soient nos seigneurs*, 1996, p. 182.

¹³ Fonte: Cuba Archive. Disponível em: <www.CubaArchive.org>. Mesmo em se tratando de informações apresentadas por um grupo de anticastistas, elas citam com precisão o nome, a data, o motivo da execução assim como as fontes de informações quer sejam basicamente oriunda dos próprios diários de Che ou de documentos oficiais cubanos.

chegou a um consenso e alguns membros levaram o caso diretamente para Fidel Castro, enquanto Che Guevara ficou com o preso. Quando Castro telefonou para o Che a respeito, este respondeu simplesmente: “É tarde demais. Já resolvi este caso”: com uma bala na cabeça do tenente. A violência, a falta de compaixão, a crueldade de Ernesto Guevara de la Serna não correspondia em nada a de um *subalterno*. Ele era guerrilheiro e, antes de mais nada, um guerreiro. A sua visão é a de um combatente, a sua meta, a vitória militar¹⁴.

O estilo seco, cru, mecânico com o qual Guevara descreve a morte e os *ajusticiamentos* como um instrumento necessário dentro da luta revolucionária vai ser copiado de norte a sul do continente, como, por exemplo, no livro *Los días de selva*, de Mario Payeras, onde se lê:

... En ese momento fueron capturados dos `campesinos por la postas de vanguardia. Uno resultó ser morador de las viviendas donde estaba situado el cuartel y desde el principio se negó a dar informaciones. Sin embargo, el responsable militar se aferró a la posibilidad de que aquel sujeto nos condujera al lugar y señalara los sitios de las postas enemigas. El hombre prefirió morir antes de hacerlo. Luego supimos que el era agente civil del ejercito¹⁵.

O autor descreve em uma única frase a execução sumária do camponês. Na última parte do livro, intitulada “Fonseca”, Payeras conta a história do traidor Fonseca que, depois de colaborar com o exército e assim provocar a morte de muitos guerrilheiros em emboscadas, resolve voltar para a guerrilha mesmo sabendo do risco que corria. Payeras conta¹⁶: “El traidor había logrado fugarse de las manos del ejército (...) antes de retirarnos al norte, dejamos orden que se le fusilará, previo juicio, en caso volviera a hacer contactos con la organización”.

Fonseca reencontra um grupo da guerrilha. Seus membros decidem então executar a ordem de fuzilá-lo. No pelotão de fuzilamento, uma guerrilheira emociona-se, ficando com lágrimas nos olhos. E é o próprio condenado Fonseca que a consola justificando que a sua própria morte servirá para que outros não cometam os mesmos erros que ele. Em seguida, ele é fuzilado. Esta cena é difícil de acreditar. Não sabemos se existiu realmente este traidor Fonseca que resolve se redimir para a revolução e ser mártir de última hora. Ao contá-la, Payeras não demonstra nenhum tipo de crítica, de

¹⁴ Mesmo em *Loués soient nos seigneurs*, Régis Debray, que foi companheiro de Che Guevara na Bolívia, confessa que ele precisou de quase vinte anos para se dar conta de que Che não tinha ido à Bolívia para ganhar, mas para perder (e, subentendido, se tornar um mito).

¹⁵ PAYERAS, Mario. *Los días de la selva*, ed. Casa de las Américas, La Havana, 1983, p. 164.

¹⁶ *Ibid.*, p. 166.

ironia, de distância diante deste acontecimento. O fato de colocá-la como última cena do livro lhe dá um relevo especial, dando a impressão de ser uma lição sobre a vida, a morte e o sacrifício a ser refletida pelos guerrilheiros. Payeras era autor de manuais de guerrilha e ideólogo da EGP, abandonando esta função alguns anos mais tarde - por discordância política - para juntar-se ao movimento zapatista do subcomandante Marcos, na província de Chiapas no México, do outro lado da fronteira da Guatemala. A cena da execução de Fonseca dá uma ideia do pensamento dos membros da guerrilha e, em particular, de um dos censores do texto de Rigoberta Menchú.

Outro exemplo, um documento interno da Vanguarda Popular Brasileira, escrito por Carlos Lamarca, traduzido e citado no livro *Los subversivos*¹⁷, de Antonio Caso, vencedor do prêmio Casa de Las Américas de 1973, descreve a “Operação Vale do Ribeira” em termos que parecem copiados de Che Guevara e idênticos aos de Mario Payeras quando descreve com absoluta frieza a execução de um preso:

– Después de algunas discusiones, juzgamos e ajusticiamos al teniente Paulo Mendes Junior, que iba como prisionero, siendo fusilado y su cuerpo arrojado al río Ribeira para no dejar vestigios alguno sobre la dirección que seguíamos. Marchamos...

Este trecho só exemplifica como o modelo guevarista de narrativa foi copiado de norte a sul do continente e fazia parte de um conjunto de instrumentos da guerra revolucionária no mesmo patamar das armas e dos textos doutrinários. É curioso notar que o documento interno da organização toma a forma de um testemunho e, como toda a produção de textos, é considerada dentro de uma mesma categoria: dos testemunhos às cartas aos companheiros, dos discursos de Fidel aos... boletins meteorológicos, antecipando assim práticas de abolição das fronteiras de gêneros comuns na literatura a partir dos anos 80.

No mesmo livro *Los subversivos*, o autor Antonio Caso justifica o assassinato do capitão americano Charles Handler “era una fiera y como fiera nociva a los pueblos debia ser eliminado de la sociedad. Un individuo asi tenia que ser ajusticiado”¹⁸.

Os guerrilheiros inspirados pelo exemplo de Che Guevara na maioria dos países do continente produziram as suas narrativas testemunhais como instrumento de uma luta em que eles arriscavam as suas vidas em prol de uma visão da justiça e de um projeto de poder. Eles eram letrados e não precisavam de agentes, coautores ou editores para lhes

¹⁷ CASO, Antonio. *Los subversivos*, Editora Casa de Las Américas, 1973, p. 358. O texto de Lamarca foi traduzido em espanhol pelo autor.

¹⁸ CASO, *Op. cit.*, p. 213.

dar a palavra. Tomavam a palavra depois das ações para contar e preparar novas investidas. O testemunho guerrilheiro, à imagem das *Pasajes...* de Guevara, parece hoje impregnado de um vocabulário e de uma lógica datados. Mesmo assim, não podemos esquecer que ele surgiu antes de Rigoberta Menchú e teve um papel real nas lutas então em curso, enquanto o texto de Menchú não teve nenhum impacto sobre a situação do seu país a não ser transformar a sua narradora numa figura pública a partir da sua volta à terra natal no final dos anos 80.

O cronotopo do testemunho de guerrilha, os seus personagens, a relação do autor com a ação, a sua construção narrativa, entre outras dimensões, foram peculiares e demonstraram, ao contrário, que a tentativa de construir uma teoria do testemunho a partir do *corpus* do *testimonio* (que ignorava quase totalmente os textos de guerrilha) só poderia chegar a um impasse por ser parcial, limitada nos seus temas e na sua geografia, a ponto de autores, como Gugelberger¹⁹, analisaram o *testimonio* como um gênero *centro-americano* enquanto um enorme movimento testemunhal nasceu e se desenvolveu em outras partes do continente sendo também completamente ignorado pelos críticos do *testimonio*. Ele começou na Argentina em 1983, o mesmo ano da publicação do livro de R. M.

¹⁹ *Ibid.*, p. 6.